

Carolina, Clotilde e Carlota *Três rainhas na crise do Antigo Regime*

Laura de Mello e Souza

I. Soberanos em movimento

Entre o tratado de Utrecht e a Revolução Francesa, a política européia atravessou períodos convulsionados. Se a língua da Europa culta continuava sendo, como no século anterior, o francês, e se também da França vinha o modelo cortesão ideal, as cartas do jogo político eram, entretanto, e cada vez mais, distribuídas pela Grã-Bretanha. Apesar de terem reconhecido o candidato francês como rei legítimo da Espanha, os ingleses colheram os louros da Guerra de Sucessão ao trono deixado vago por Carlos II de Bourbon, o “Enfeitiçado”, fortalecendo seu poderio mercantil, marítimo e colonial. Na nova ordem européia, que a Grã-Bretanha procurou orquestrar por meio da teoria da balança dos poderes, emergiram potências novas, evidenciando o peso cada vez maior do centro-leste europeu: a Áustria, a Prússia e a Rússia mostraram as garras e disputaram encarniçadamente novos territórios, despedaçando, ao longo do século, a Polônia, frágil devido à monarquia eletiva e à quase ausência de um exército. O antiquíssimo domínio dos Savóias tornou-se reino, mas não no Piemonte, e sim na Sardenha, dada aos senhores de Turim em 1720, conformando, desta maneira, uma monarquia com terras descontínuas –o que, de resto, não era incomum antes dos estados nacionais–. Ainda na Itália, presa secular de senhores que se alternavam no ato de espoliá-la, austríacos e espanhóis disputavam os melhores quinhões, e quando veio o tufão revolucionário, Milão e a Toscana eram austríacos, enquanto Parma e Nápoles abrigavam um ramo dos

Bourbons de Espanha. Conforme a crise se abateu sobre a Europa e começou a arrastar os monarcas mais débeis, Carlos IV e seu filho Fernando passaram a alimentar o sonho de refazer a União Ibérica do tempo dos Filipes, mesmo que no preço a pagar estivesse incluída uma porção de Portugal, destinada a Bonaparte ¹.

Foi também depois de Utrecht que o mapa da Europa começou a se alterar intensamente, enquanto os soberanos iam se acostumando com a itinerância. Filipe V, neto de Luís XIV e tio de Luís XV, deixou Versalhes para trás e mudou-se para Madrid. Dali, e pressionado pela segunda mulher, Isabel d'Este, valeu-se dos tratados que punham um desfecho à primeira guerra de partilha da Polônia e conseguiu Parma e Nápoles para dois dos filhos mais moços: o primeiro deles, Carlos, passou por Parma mas a cedeu para o segundo, Filipe, fixando-se em Nápoles antes de terminar os dias em Madrid, como rei da Espanha ². Francisco Estevão de Lorena, príncipe soberano desta antiga casa, havia se casado com a imperatriz Maria Teresa e renunciado a seu domínio natal, obtendo a Toscana como prêmio de consolação. Pouco participou do governo, mas quando morreu, em Viena, deixou o domínio italiano para os filhos: foi por isso que Leopoldo de Habsburgo saiu da Áustria e fixou-se em Florença por um bom tempo, até que a morte do irmão, José II, o colocasse no trono do Santo Império. Destronado na Polônia, Stanislaw Leckzinski, sogro de Luís XIV, recebeu do genro a Lorena negociada com Francisco I da Áustria e mudou-se para Nancy. Outro rei da Polônia, que como se disse era uma monarquia eletiva, foi Stanislaw Poniatowski, ilustrado e culto, amigo de filósofos mas, nem por isso, poupado de constrangimentos que o fizeram mudar várias vezes de domicílio ³.

Essa itinerância foi uma das peculiaridades da Europa das Luzes e antecipou, de certa forma, a prática napoleônica de mudar de lugar os soberanos como se

¹ G. Hanlon, *Storia dell'Italia moderna, 1550-1800*, tradução italiana, Urbino 2002; Albert Sorel, *L'Europe et la Révolution Française*, Paris 2003, volumes I e II; F. Venturi, *Settecento Riformatore. 1: Da Muratori a Beccaria* [1969], Torino 1998, cap. 2: "Nella guerra di successione austriaca", pp. 59-186.

² R. García Cárcel (coord.), *Historia de España. Siglo XVIII: La España de los Borbones*, Madrid 2002; Enrique San Miguel Pérez, *La instauración de la monarquía borbónica en España*, Madrid 2001; John Lynch, *La España del siglo XVIII*, 2ª ed., Barcelona 1999, trad. española.

³ M. Fumaroli, *Quand l'Europe parlait français*, Paris 2001, cap. 26: "Un terrain d'essai pour les Lumières: la Pologne et son dernier roi, Stanislas II Auguste Poniatowski", pp. 573-611.

fossem reis num tabuleiro de xadrez. Desde os tempos em que os reinos haviam começado a se tornar monarquias de caráter nacional, as cortes se fixando e sedentarizando cada vez mais, nunca, talvez, se tivesse visto nada semelhante. Até então, eram as princesas de sangue que nasciam destinadas a se mudar: desde pequenas, sabiam que, um dia, deveriam deixar para trás suas referências espaciais e afetivas e carregar, da melhor maneira que pudessem, o fardo de satisfazer às exigências dinásticas que o nascimento lhes tinha reservado ⁴. Na Europa conturbada de fins do século XVIII, esse fardo foi, para algumas delas, quase impossível de suportar. A Revolução de 1789 acelerou não apenas o tempo histórico, mas os movimentos migratórios das realezas, suas cortes e suas nobrezas, dentro do continente e até para fora dele.

O objetivo destas reflexões é comparar a trajetória inicial de três rainhas que, tendo realizado a itinerância comum a sua condição –deixar os reinos de origem para viver nos dos consortes– viram-se às voltas com outras, imprevistas e extraordinárias, impostas pela circunstância crítica de desagregação do absolutismo monárquico do Antigo Regime. Com elas e seus reis, deslocaram-se também pequenas cortes, ou um simulacro delas, que foram se improvisando em terras distantes, reinventando prerrogativas e peculiaridades que haviam demorado séculos para se constituir e se consolidar. A crise do Antigo Regime foi também a crise de um tipo de corte que vicejara com ele, e que, naquela circunstância, desapareceria para sempre. Mas antes, enquanto lutavam para sobreviver, essas cortes encontraram na itinerância um paliativo a sua agonia.

II. *Bourbons e Habsburgos*

As três personagens em cena pertencem às duas grandes dinastias que se opunham na vida política européia desde o início do século XVIII: a de Habsburgo e a de Bourbon. São elas Maria Carolina de Habsburgo, Maria Clotilde de Bourbon e Carlota Joaquina de Bourbon.

Em 1740, com a ascensão de Maria Teresa de Habsburgo ao trono da Áustria e da Hungria, e com sua pretensão de ser reconhecida –como acabou sendo–

⁴ B. Craveri, *Amantes e Rainhas: o poder das mulheres*, trad. brasileira, São Paulo 2005; C. de Habsburgo, *Las Austrias. Matrimonio y razón de Estado en la Monarquía española*, Madrid 2006; M. Ríos Mazcarelle, *Reinas de España. Casa de Austria*, Madrid 2002, 2ª ed.

imperatriz do Santo Império, abriu-se uma crise que arrastou boa parte da Europa e recolocou em pauta o direito que as mulheres teriam de governar os países. No caso específico, tratava-se de alçar uma mulher ao trono imperial, o que boa parte dos soberanos alemães não desejava admitir –à frente de todos, Frederico II da Prússia, o Grande Frederico, que havia chegado ao trono no mesmo ano que Maria Teresa e seria, pela vida afora, seu inimigo preferencial. Maria Teresa dobrou os princípios alemães e se tornou a primeira e única imperatriz germânica. Aprendeu latim e chegou cavalcando à Hungria para receber o juramento da altiva nobreza magiar, de imediato rendida a sua beleza juvenil –tinha então menos de 25 anos–. Governou por 40 anos, secundada, a partir de 1780, pelo filho José, dividida entre os cuidados com a prole numerosa –16 crianças, das quais apenas 4 não chegaram à idade adulta–, a paixão pelo marido, o ódio contra Frederico II e o sentimento do dever, que a levou a mudar a feição da Áustria. Instigada pelo chanceler Kaunitz, mudou também, de forma drástica, o sistema de alianças de seu país, deixando a órbita britânica para cortejar a simpatia francesa: o casamento da caçula, Maria Antonia, com o Delfim da França selou a guinada da política externa teresiana, bem como a triste sina da jovem arquiduquesa, guilhotinada, como se sabe, em 1793 ⁵.

Maria Teresa, inteligentíssima, foi se tornando, com a vida, cada vez mais católica, e depois de enviuvar beirou o fanatismo. José II e Leopoldo II, os dois filhos que a sucederiam no trono e no Império, eram homens cultos e instruídos: o primeiro, ateu, levou ao limite as possibilidades do reformismo ilustrado; o segundo, que primeiro governou a Toscana, foi considerado, nessa experiência italiana, um exemplo de déspota esclarecido ⁶. A corte austriaca era alegre, brilhante, melômana: Salieri, Caldara, Haydn, Gluck, Mozart, todos passaram por ela, em diferentes momentos ⁷. Viena primava pelos belos palácios e pelas magníficas coleções de arte. Por tudo isso, as filhas de Maria Teresa eram disputadas no mercado matrimonial das casas reais: saudáveis, potencialmente prolíficas, católicas, bonitas e ricas.

A França de Luís XV de Bourbon, em muito oposta à Áustria de Maria Teresa, foi marcada pela ambição política das mulheres da elite. A corte era célebre pela devassidão e pelo apego frenético às festas, às futricas, a toda sorte de

⁵ E. Crankshaw, *Maria Theresa*, New York 1986.

⁶ R. Mandrou, *L'Europe "Absolutiste": Raison et Raison d'Etat*, Paris 1977.

⁷ N. Elias, *Mozart. Sociologia de un gênio*, trad. brasileira, Rio de Janeiro 1995.

futilidades. O rei, pouco interessado pelo governo, era bonito e namorador, para dizer o mínimo. Colecionou amantes, a maioria delas ambiciosas e arrivistas, prontas para ocupar os vazios do poder e pressionar os ministros da ocasião: depois da burguesa Pompadour, que defendeu vigorosamente a aliança com a Áustria, chegou a vez de madame du Barry. Seu prestígio era tamanho que a carolíssima Maria Teresa insistia junto à filha, na França chamada de Antonieta, para que cortejasse essa antiga prostituta. Parte da desgraça de Maria Antonieta veio do desdém que votava à favorita do rei, avô de seu marido, apesar de o peso maior caber a seu temperamento imaturo, frívolo e inconseqüente, tudo coroado pelo pecado original de ter nascido Austríaca: nem o apelido francês –*Antoinette*–, nem os esforços unidos dos ministros Choiseul e Kaunitz, nem as intrigas de Madame Pompadour, nem, por fim, os espões que a imperatriz plantou em Versalhes junto à filha conseguiram cimentar a união austro-francesa, que já tinha nascido trincada ⁸.

Versalhes foi o modelo da corte de Antigo Regime para boa parte do mundo ocidental ⁹. La Fontaine considerou-a impossível de ser imitada, retratando o original e as cópias na fábula da rã que se inflava de ar para ser igual ao boi e, após o esforço inútil, explodia em pedaços. Nessa corte, a rainha Maria Leczinska viveu à sombra dos escândalos amorosos do marido, reservada, devota, dedicada à educação dos filhos e dos netos.

No trono espanhol, sucederam-se, ao longo do século XVIII, o neto de Luís XIV legitimado pelo tratado de Utrecht, dois de seus filhos e seu neto: Filipe V, Fernando VI, Carlos III e Carlos IV. A loucura assombrou os três primeiros: Filipe, intermitentemente, assaltando-o com ataques de depressão e sujeira; Fernando, de forma contínua após a viuvez, quando cedeu lugar, de uma vez por todas, à hipocondria que sempre o acompanhara e fez dele um recluso; Carlos III, de modo bem mais tênue, manifestando-se na sobriedade maníaca que o dominou quando a mulher morreu ainda jovem e ele decidiu permanecer sozinho, provavelmente casto daí em diante, sujeito, como o pai e o irmão, a surtos hipocondríacos ¹⁰.

⁸ B. Craveri, *Amantes e Rainhas...*; E. Lever, *Maria Antonieta. A última rainha da França*, trad. brasileira, Rio de Janeiro 2004.

⁹ Para uma comparação e oposição entre as cortes de Habsburgos e Bourbons, ver J. Duindam, *Vienna e Versailles (1550-1780). Le corti di due grandi dinastie rivali*, trad. italiana, Roma 2004.

¹⁰ R. García Cárcel (coord.), *Historia de España. Siglo XVIII...*, sobretudo Primera Parte, “Los Reyes y la dinámica política”, pp. 25-280.

Enquanto Fernando VI governava a Espanha, Carlos e outro irmão, Filipe, foram colocados, por pressão materna e graças a negociações diplomáticas, no governo de Nápoles e de Parma. Os Bourbons esticavam o braço por sobre a Itália e fortaleciam, com os casamentos, as alianças dinásticas: na corte de Parma, Filipe viveu ao lado de uma das filhas de Luís XV, Luísa Elisabeth, e ali nasceu Maria Luísa, futura mulher do primo Carlos IV e rainha de Espanha; em Nápoles, sonho de todo viajante às voltas com o *grand tour*, o futuro Carlos III casou-se com Maria Amélia de Saxe, irmã da mãe de Luís XVI. Tanto em Nápoles como, mais tarde, em Madrid, Carlos III foi um rei construtor, e datam de sua época alguns dos palácios mais famosos dessas cidades ¹¹.

Muito diferentes, Madrid e Nápoles mantiveram-se variavelmente hostis, o parentesco não conseguindo suplantar as desavenças entre os irmãos: Carlos III e Fernando VI, na primeira geração; Fernando I e Carlos IV, na segunda, sem falar na obstinação de Carlos III em continuar, depois de ter trocado o trono italiano pelo espanhol, mandando no filho Fernando que, pensava o pai, devia o reino a ele. Nápoles era uma corte excêntrica para os padrões europeus dominantes: exótica, meio selvagem, muito festiva, marcada por fortes tradições populares mas ostentando, desde o primeiro reinado borbônico, as extraordinárias coleções arqueológicas de Pompéia e Herculano, bem como o teatro São Carlos, que, construído nessa época, fez dela uma das grandes capitais musicais da Europa ¹². Nápoles foi também bafejada pelas Luzes: Vico, Galiani, Genovesi, Filangieri pontificaram a partir dali ¹³. Todo viajante que se prezasse passava por Nápoles, de Goethe a Madame Vigée-Lebrun, e sobre a cidade multiplicam-se relatos vívidos que possibilitam reconstruir o cotidiano da corte na segunda metade do século ¹⁴. Já Madrid

¹¹ H. Acton, *Les Bourbons de Naples* [1955], Paris 1986.

¹² O estranhamento dos estrangeiros com relação a Nápoles pode ser visto nas diversas memórias que constituem o Fundo Nápoles, 1, no *Ministère des Affaires Etrangères* (Paris). Mémoires et Documents: Fonds Divers.

¹³ F. Venturi, *Settecento Riformatore: 1*, cap. VIII: “La Napoli di Antonio Genovesi”, pp. 523-644.

¹⁴ F. Pitt-Rivers, *Madame Vigée Le Brun*, Paris 2001; *Viaggio in Italia di una donna artista. I “Souvenirs” di Elisabeth Vigée Le Brun, 1789-1792* (a cura di Fernando Mazzocca, note critiche di Anna Villari), Milão 2004; M.D. Sheriff, *The exceptional woman. Elisabeth Vigée-Le Brun and the Cultural Politics of Art*, Chicago-Londres 1996; William Beckford, *Voyage d'un rêveur éveillé. De Venise à Naples*, trad. francesa, Paris 1989; Goethe, *Voyage en Italie*, édition établie par J. Lacoste, 2^a ed., Paris 2008; J. Black, *The British abroad. The Grand Tour in the Eighteenth Century*, Gloucestershire 2004.

era mais tristonha, muito marcada pelo catolicismo soturno que dominava a vida espanhola desde os tempos dos Habsburgos. A viuvez de Carlos III não contribuiu para mudar o quadro, mas seu filho Carlos, príncipe das Astúrias, e a princesa Maria Luísa de Parma viveram em meio a festas e caçadas –paixão, aliás, partilhada por todos os Bourbons de Espanha– enquanto o rei envelhecia no governo.

III. *Maria Carolina de Nápoles.*

Antes de se cumprir, o destino escapou a Maria Carolina, arquiduquesa austríaca, pelo menos duas vezes. Primeiro, porque foi preciso nascerem e morrerem duas outras do mesmo nome, filhas da grande Maria Teresa, para que a terceira, que era a décima primeira na ordem daquela irmandade numerosa, pudesse vingar. Depois, porque seu casamento com o rei de Nápoles só aconteceu em virtude da primeira noiva, sua irmã Maria Josefa, ter morrido de varíola nas vésperas de partir para a Itália¹⁵. Marcada talvez pelas duas contingências, como se estivesse sempre assumindo vidas alheias, Maria Carolina de Habsburgo perseguiu o sentido da sua própria vida com obstinação, procurando construir um trajeto só seu e dominar o rumo de um destino que possivelmente lhe parecia fugidio.

A arquiduquesa tinha 16 anos quando chegou a Nápoles, cidade-anfiteatro, como diziam os viajantes, que contava, na época, com quase 400 mil habitantes, algumas centenas de igrejas –mais de 300– e belos palácios. Durante a longa viagem de Maria Carolina entre a terra natal e a nova pátria, sucederam-se as festas, os bailes, os banquetes e os concertos. Leopoldo, seu irmão querido, juntou-se a ela e a sua comitiva em Bolonha, e o rei as esperou em Portella, primeira cidade napolitana uma vez ultrapassada a fronteira. Dali, seguiram para Caserta, enorme palácio construído por Carlos III a 30 quilômetros da capital e que tinha dado ensejo a que maledicentes afirmassem, na época da edificação, que, “quanto menor a monarquia, maior o palácio”¹⁶. A grande massa arquitetônica, comparável ao Escorial, achava-se toda iluminada, e ali esperavam-nos os “embaixadores de família”, ou seja, o austríaco, o francês e o espanhol.

¹⁵ H. Acton, *Les Bourbons de Naples...*, pp. 146 e segs.

¹⁶ *Ibidem*, p. 99.

Maria Carolina se parecia bastante com Maria Antonieta, irmã mais jovem que ela e à qual era muito apegada. Os juízos sobre sua aparência não são unânimes, sugerindo que a beleza, se havia, não era do tipo clássico. Segundo a descrição bastante favorável de lady Ann Miller, os cabelos eram de um castanho alourado, a pele fina e alva, os olhos grandes, brilhantes e azuis, o nariz aquilino, a boca pequena, bem vermelha e menos grossa que a dos de sua dinastia. Os dentes, coisa rara na época, eram “soberbos” e muito brancos, regularmente plantados e, nisso, diferentes dos de Maria Antonieta, que antes de seguir para a corte de Versalhes teve os dentes, “bonitos, porém mal alinhados”, corrigidos por um dentista francês¹⁷. Tinha mãos bonitas, mas, segundo Swinburne em descrição bem menos complacente, as costas eram curvas e havia algo muito desagradável no seu modo de falar: gesticulava com violência, agitando-se toda, a voz tornando-se rouca e os olhos girando estranhamente nas órbitas¹⁸. Seus ataques de fúria tornaram-se lendários. Gostava de ler, era bastante culta e, se comparada ao marido, uma verdadeira luminar. Todos os contemporâneos se referem ao grande desnível intelectual entre a rainha e o rei, que os pais haviam deixado em Nápoles ainda menino para assumir o trono espanhol, sem nunca terem se preocupado com sua educação, antes e depois de então. Dizia a tradição que a mulher fora sua verdadeira professora de primeiras letras, ensinando-o a escrever e justificando-se, assim, por que o monarca se autodenominava “um asno” e exclamava, amiúde: “Minha mulher sabe tudo!” As relações entre marido e mulher oscilavam muito, da mais tenebrosa hostilidade à amizade a mais fraterna¹⁹. A excessiva submissão do rei ao pai, homem de personalidade fortíssima e que não poupava esforços para controlá-lo a partir de Madrid, deu matéria a muitas das desavenças entre os cônjuges. A rainha, por sua vez, tinha sido aconselhada pela mãe a agir como espanhola, mas a permanecer austríaca no coração. Carolina, passional por natureza, foi austríaca por dentro e por fora,

¹⁷ E. Lever, *Maria Antonieta...*, p. 23.

¹⁸ H. Acton, *Les Bourbons de Naples...*, p. 198.

¹⁹ Observações partilhadas por várias memórias. Cf. *Mémoires secrets et critiques des cours, des gouvernemens, et des mœurs des principaux états de l'Italie. Par Joseph Gorani, citoyen français*, Paris 1793; *Mémoire sur la Cour de Naples. Année 1773* (Baron de Breteuil), in *Ministère des Affaires Etrangères* (Paris), *Mémoires et Documents, Fonds Divers, Naples*, 1, fols. 81-101v; *Mémoire historique, politique et statistique sur le Royaume de Naples depuis 1769 jusqu'en 1806* (D'Hautefort), in *Ministère des Affaires Etrangères* (Paris), *Mémoires et Documents, Fonds Divers, Naples*, 1, fols. 299-315.

procurando sempre atender aos desígnios da política Habsburgo na Europa, em geral, e na Itália, em particular. Outro motivo de desavença foi o apreço que nutriu pelas lojas maçônicas até que a revolução explodisse e deixasse claro, como diria o filósofo Koselleck, que a crítica encobria o sentido da crise. De qualquer maneira, os esposos tinham muito em comum, pelo menos do ponto de vista físico: geraram 17 filhos, a rainha se queixando com frequência das sucessivas gestações: “Por um ano, recuso-me a ficar grávida, e pouco importa que morras ou explodas por causa disso”, teria gritado ao marido, enquanto atirava sobre ele um cachorro que lhe mordeu a mão de modo tão violento que a cicatriz ali ficaria para sempre ²⁰.

O rei era um apaixonado da caça, gostando também de pescar e se vangloriando, esporadicamente, de vender seu peixe na feira e, assim, ganhar dinheiro suado ²¹. Numa época em que Maria Antonieta se vestia de branco e afagava carneiros no Trianon enquanto Luís XVI, serralheiro amador, se via às voltas com chaves e fechaduras, o hábito de Fernando I, mais do que bizarria, sugere certo apego aos ideais arcádicos então dominantes e que permitiam, às elites cultas, abandonar momentaneamente a etiqueta e o artificialismo cortesão para afetar a naturalidade e a simplicidade preconizadas por muitos dos homens de letras do século. Maria Carolina, por sua vez, se formara na escola de Maria Teresa, e tinha ambição política desmesurada: assim que nasceu o primeiro homem da prole, ou seja, o herdeiro real, passou a integrar o Conselho de Estado e a tentar pautar as diretrizes da política napolitana. Foi por artes suas que o velho Tanucci, criatura de Carlos III, viu-se afastado do poder, e ainda por suas artes –sobretudo, por seus encantos, insinuava-se por toda a Europa da época– que John Acton, contratado a fim de criar a moderna marinha do reino, acabou ali se tornando a figura mais poderosa da política. Tanucci pereceu atirando, bombardeando Madrid com cartas nas quais vociferava contra a falta de lógica do gênero feminino e da vontade, que ia se tornando contagiosa, manifestada pelas mulheres de governarem os países por sua conta:

²⁰ H. Acton, *Les Bourbons de Naples...*, p. 185; R. Koselleck, *Crítica e crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, trad. brasileira, Rio de Janeiro 1999.

²¹ Joseph Gorani afirma te-lo visto vender o peixe que pescara em Posilippo. O autor apresenta visão muito comprometida com o ideário da revolução, e nitidamente deformada com relação ao reino de Nápoles em termos gerais. *Mémoires secrets et critiques des cours, des gouvernements, et des mœurs des principaux états de l'Italie*, p. 50.

Mulheres na corte são o diabo em pessoa, invejosas, irascíveis, intolerantes; *non est ira super iram mulieris*, dizia Salomão, que conhecia bem as mulheres²².

Em 1768, quando Maria Carolina chegou a Nápoles, vivia-se ali a quaresma espanhola; com ela, passou-se a viver o carnaval austríaco²³. A corte gastava três vezes mais que a de Turim, e tornou-se mais brilhante e cosmopolita. Mesmo antes da revolução francesa, quando virou abrigo de emigrados nobres e de algumas cabeças coroadas²⁴ — a rainha da Sardenha morreu ali, as tias de Luís XVI ali viveram por algum tempo, bem como o Duque de Aosta, herdeiro do trono sardo e futuro Vitor Manuel I—, Nápoles recebeu, no tempo de Carolina, vários pintores, como Raphael Mengs, Christopher Knip, Henry Fuger, os Hackert, Tischbein, Angelika Kauffmann, Élisbeth Vigée-Lebrun; homens de letras como Goethe; aventureiros como Casanova. Em Viena, a etiqueta era muito mais branda que nas cortes bourbônicas, e a nova rainha batalhou para afrouxá-la na sua nova morada. Os costumes parecem ter sido bastante livres, e não apenas pelo enorme sucesso alcançado por Emma Hamilton, a mulher do embaixador britânico que se tornou amante pública do almirante Nelson e que arrebatava os cortesãos com suas “atitudes”, encenações de quadros mitológicos e bíblicos inventadas por ela²⁵: tanto os políticos desgostosos com a rainha, quanto os ministros de Carlos III, Floridablanca à frente; e, ainda, os diplomatas franceses interessados em enviarem relatos desabonadores ao governo, entre a revolução e o Consulado, todos lançavam dúvidas sobre o comportamento amoroso de Maria Carolina²⁶. A má fama que alcançou

²² H. Acton, *Les Bourbons de Naples...*, p. 182.

²³ *Ibidem*, p. 172. O autor atribui essa oposição entre quaresma e carnaval a um historiador italiano, mas não o nomeia.

²⁴ E. Daudet, *Histoire de l'Emigration pendant la Révolution Française. III: Du Dix-huit Brumaire à la Restauration*, Paris 1907, pp. 114 e segs.; Duc de Castries, *La vie quotidienne des émigrés*, Paris 1966, p. 23; G. de Diesbach, *Histoire de l'Emigration, 1789-1814*, Paris 1998, cap. XIV: “En Italie”, pp. 430-453.

²⁵ A. et A. Pons, *Lady Hamilton. L'amour sous le volcan*, Paris 2002.

²⁶ “*La reine de Naples toute puissante, est une folle, une mégère qui nous abhorre; le roi est un enfant uniquement occupé de son plaisir*”, *Ministère des Affaires Etrangères, Mémoires et Documents, Faits Divers, Naples, 1*, “Mémoire” (Cacault, 1792), fol. 171v. Segundo outra Memória, a Rússia teria enviado a Nápoles, de caso pensado, “*l'un des plus beaux cavaliers d'entre*

foi diretamente proporcional a sua participação política, e a coleção de amantes que se lhe atribuíam contou com ministros, como Acton, mas também com homens de condição subalterna.

Os reis de Nápoles tiveram que fugir para Palermo em duas ocasiões: em 1798 e em 1806, acompanhados, em ambas as circunstâncias, de toda a corte e escoltados por navios ingleses²⁷. Sua capital esteve, então, sob domínio francês. Maria Carolina nunca deixaria de reclamar, conspirar e escrever furiosamente: deixou milhares de cartas, que atestam o imenso desejo de ação política que a acompanhou até o fim da vida²⁸. Morreu em Viena, em 1814, exilada com a aprovação do marido, que desta vez havia cedido às pressões britânicas: ela fagigara a todos com seu ímpeto conspiratório²⁹, e ainda pôde ver a neta, Maria Luísa, chegar à corte austríaca acompanhada do bisneto, o Rei de Roma. Não deveria mais ter energia, então, para repetir o que dissera anos antes: que o destino, mais uma vez, a fustigava por fazer dela a antepassada do Filho do Demo, ou seja, do de Napoleão Bonaparte³⁰.

les Russes, auquel la cour avait ordonné de devenir amoureux de la Reine, qui le devient en effet et n'en fut point maltraité", Ministère des Affaires Etrangères, Mémoires et Documents..., "Notes sur Venise et Naples par Tilly. Redigés en avril et remises le 3 juin 1792", fol. 153; *Venise et la Révolution Française. Les 470 dépêches des ambassadeurs de Venise au Doge: 1786-1795*, Paris 1996. Para ligação entre rainha e Acton, por exemplo, Despacho de 1 de maio de 1786, p. 37.

²⁷ C. Hibbert, Nelson. *A personal history*, London 1995; A. Capograssi, *Gl'inglesi in Italia durante le campagne napoleoniche (Lord Bentinck)*, Bari 1949; *Newberry Library* (Chicago), Manuscripts, *Progress of the Two Sicilies under the Spanish Bourbons from the year 1734-35 to 1840. By John Goodwin, esq., Her Majesty's consul for Sicily*; Carlo Botta, *Storia d'Italia dal 1789 al 1814*, Prato 1862.

²⁸ Um exemplo de seu epistolário publicado: *Correspondance inédite de Marie-Caroline reine de Naples et de Sicile avec le Marquis de Gallo. Publiée et annotée par le Commandant M.H. Weil et le Marquis C. di Somma Circello*, Paris 1911.

²⁹ M. H. Weil, *Ferdinand IV et le duc d'Orléans. Palerme, 9-17 mars 1813, d'après des documents inédits du Record Office*, Paris 1898; O. Browning, "Queen Caroline of Naples" in *The English Historical Review* 2, no. 7 (Jul., Oxford 1887), pp. 482-417.

³⁰ W. Maierhofer, "Maria Carolina Queen of Naples: The 'Devil's Grandmother' fights Napoleon", in W. Maierhofer, G. Roesch and C. Bland (eds.), *Women Against Napoleon: Historical and Fictional Responses to his Rise and Legacy*, Frankfurt 2007.

IV. Maria Clotilde de Bourbon

Nascida em 1759 numa corte célebre pelos costumes livres; filha do Delfim Luís de Bourbon e de Maria Josefina da Saxônia, esta neta de Luís XV aprendeu a ler aos 3 anos de idade e, desde então, devorou obras religiosas, repugnando-lhe os romances, as comédias e qualquer publicação de doutrina suspeita. Muito ligada à avó polonesa e à princesa Luisa de Marçan, ambas profundamente pias, Maria Clotilde foi, desde bem menina, muito corpulenta, e talvez por isso avessa às correrias infantis, preferindo as rezas e os trabalhos manuais. Habituada aos romances públicos do rei seu avô e às intrigas rocambolescas, a Corte fazia troça do que, naquele contexto, era um comportamento extravagante da parte da princesa: os jejuns semanais em louvor a Nossa Senhora, observados por ela, a cada sábado, até morrer. Clotilde sonhava em ser monja, e o casamento arranjado com o herdeiro da Casa de Savóia foi o que poderia ter lhe acontecido de melhor: a rainha Antonia Fernanda, espanhola de origem, era beatíssima, os santos e os milagres pontuavam a história da dinastia e até o pavilhão arvorado pelos navios do reino dava mostras dessa religiosidade exacerbada, ostentando a imagem da Virgem ³¹.

O primeiro encontro de Maria Clotilde e seu noivo, Carlos Manuel, deu-se na Ponte Belvicino, que separava a França e o Piemonte. “Me achais por certo muito gorda”, disse Clotilde ao futuro marido, que respondeu dizendo não se importar com esse defeito, do qual já lhe tinham falado. Apresentada aos sogros no mesmo dia, ajoelhou-se diante deles e lhes beijou a mão, repetindo o

³¹ A maior parte das informações sobre Maria Clotilde foram tiradas de seu processo de canonização. Cf. *Archivio di Stato di Torino. Storia della Real Casa. Mazzo 28: categoria 3ª. Sacra Ritum Congregatione Emo & Rmo Domino Cardinali Matthaejo Episcopo Praenestino Taurien. Seu neapolitana Beatificationis, & Canonizationis servae dei Mariae Clotildis Adalaidis Xaveriae Reginae Sardiniae. Summarium Super Introductione Caussae. Romae MDCCCVII. Apud Lazarinum Rev. Cam. Apost. Typographum* (Volume 1). *Taurinen seu Neapolitana beatificationis et canonizationis ven. Servae dei Mariae Clotildis Adalaidis Xaveriae Reginae Sardiniae. Elenchus contestium super herroicis dictae ven. Servae Dei virtutum actibus pro resolutione dubii* (Volume 2). Ver também C. Manuta Bruno, *Una Regina e il confessore. Lettere inedite di Maria Clotilde di Francia Regina di Sardegna all'ex-gesuita G. B. Senes (1799-1802), pubblicate con documenti e diari inediti*, Firenze, s.d. O pavilhão real da Savóia pode ser visto, por exemplo, numa gravura da série *Imageries d'Epinal: “Les pavillons que la plupart des nations arborent à la mer”*.

ato daí em diante, nas mais diversas circunstâncias da vida de Corte, e até mesmo na presença de embaixadores estrangeiros. Sabendo que a rainha Antonia Fernanda detestava o uso, então muito em voga, de penas para os adornos de cabeça, a princesa tinha cuidado em usar um chapéu sem elas na viagem para Turim.

Aos poucos, construiu para si uma imagem peculiar, e foi ocupando espaço cada vez maior na corte da Sardenha. Até então, os reis assistiam aos ofícios religiosos nas capelas dos palácios, só deixando o espaço privado por ocasião da quaresma; Clotilde introduziu, entre a família real, o hábito de freqüentar as igrejas e capelas públicas, nas quais, como quando em casa, rezava ajoelhada no chão, e, se usava genuflexório, nunca neles apoiava as mãos. Não lhe bastavam as orações domésticas, às quais dedicava horas a fio, imóvel e absorta como se alienada dos sentidos: a fé deveria se tornar espetáculo, e por isso, quando passava pelas ruas o Santíssimo Sacramento destinado aos enfermos, a princesa e depois rainha descia da carruagem e, indiferente aos rigores do tempo, ajoelhava-se na rua coberta de neve. Ostentava uma religiosidade ainda barroca, exacerbada, atirando-se, vez por outra, no chão, e sobre ele descrevendo cruzeiros com a língua, tudo por conta da humildade e do amor a Deus.

Além de ocupar os espaços religiosos já existentes, Clotilde se empenhou ainda em construir outros novos, nos quais pudesse inscrever sua presença de modo mais eficaz. Havia em Turim, na época, uma companhia de damas nobres chamada *Le Dame dell'Umiltà e della Visitazione*, devotada ao culto da Virgem e de Santa Isabel: a princesa logo entrou para essa sociedade, nela se tornando superiora perpétua. O culto ao Sagrado Coração de Jesus achava-se no início, recém- instituído pela Santa Sé mas contando com a oposição de muitos. A *Compagnia dell'adorazione perpetua del SSmo Cuore di Gesù*, fundada por Clotilde, propagou-o pelo Piemonte e teve suas regras aprovadas por um breve do Papa Pio VI, expedido a 9 de setembro de 1796, pouco antes de Carlos Manuel IV assumir o trono paterno e ela se tornar rainha. Antes de ocupar o espaço político, a nova soberana dera mostras de que, sob o manto das maneiras suaves e humildes, era obstinada e voluntariosa, tendo vindo ao mundo para orar mas, sobretudo, para mandar.

Quem subia ao trono da Sardenha era, pois, uma rainha já quase quarentona, que dois anos antes havia deixado definitivamente as roupas de corte, há muito só trazidas por ela nas cerimônias, para assumir também em público, e de uma vez por todas, as vestes de lã preta que escandalizavam não só as senhoras

mundanas, mas o próprio arcebispo de Turim³². O recato desmedido de Clotilde impusera aos que a serviam na intimidade um cerimonial estranho e complexo, destinado a impedir que alguém chegasse a ver ou tocar seu corpo. Para vesti-la, as camareiras tinham que usar luvas, e se lhe tiravam um lençinho do pescoço, ela prontamente colocava, primeiro, outro por debaixo. As mãos, o rosto e os olhos, bonitos e azuis, era tudo o que revelava ao mundo exterior. Para trás haviam ficado a corpulência, as bebidas e os alimentos sofisticados, e todos sabiam que comia verduras e peixe, acompanhados de água. Dormia em cama dura como pau, separada da do rei, incapaz de se deitar em tal leito. Cerca de cinco anos depois de casado, ele concordara em adotar a castidade como norma de sua vida conjugal: quando Clotilde morreu, Carlos Manuel IV explicitou publicamente o que todos já sabiam, dizendo que perdia sua mãe, sua conselheira e sua diretora espiritual.

Turim abrigava em seus palácios magníficas coleções de pintura, enriquecidas pelos quadros que o príncipe Eugênio de Savóia, soldado do Imperador, havia deixado como herança aos primos piemonteses, e que hoje constituem parte importante do acervo da Galeria Sabauda³³. Em relação a elas, Clotilde se comportou qual fanática dos tempos das guerras religiosas, insistindo, em nome da virtude, que todas as figuras nuas, inclusive as que representavam anjos e o menino Jesus, fossem cobertas por panos. A constituição física do marido, muito delicada, fez com que pudesse dar provas suplementares de desprendimento e amor ao próximo, aproveitando, ao mesmo tempo, para ampliar o seu âmbito de influência política. Por razões de temperamento e de saúde, Carlos Manuel não tinha preparo para assumir o trono ao qual a morte do pai o alçou, e muito menos para enfrentar o terrível período que se anunciava: a invasão francesa, a oposição interna dos liberais, a inevitabilidade da abdicação, a fuga para a ilha da Sardenha, a perambulação por diferentes cortes italianas, a penúria financeira, a incerteza quanto aos destinos do reino e da dinastia³⁴. Era dado a ataques

³² *La regina Maria Clotilde, con semplicità più che dimessa, vestì lane turchine per voto, rinunziò alle gioie, ai pizzi, alle trine; con una sola dama visitava le chiese, e il tenue spillatico donava ai poveri* (D. Carutti, *Storia della Corte di Savoia durante la Rivoluzione e l'Impero Francese*, Torino-Roma 1892 [1891], I, p. 373).

³³ F. Herre, *Eugenio di Savoia. Il condottiero, lo statista, l'uomo*, Milano 2001. Para os acervos reais de obras de arte, cf. *Archivio di Stato di Torino, Gioie e mobili: Mazzo 7° d'addizione*.

³⁴ D. Perrero, *I Reali di Savoia nell'esilio, 1799-1808. Narrazione storica su documenti inediti*. Torino, 1898.

periódicos, possivelmente epiléticos, sempre ocorridos em situações difíceis, e tornados cada vez mais constantes conforme a situação do Piemonte foi se complicando. Nessas ocasiões, ora se tornava violento, descompondo a mulher e quantos se achassem por perto, ora mergulhava na mais profunda consternação, desgastado física e moralmente. Clotilde reagia com resignação e doçura, permanecendo ao seu lado horas a fio, de pé e em vigília, sem que ninguém entendesse como não se cansava. No dia a dia, sem fazer caso da criadagem, penteava o doente, costurava-lhes as meias, escovava-lhe a roupa. Conforme as crises se agravaram, passou a se encarregar de toda a sua correspondência pessoal, e depois também da oficial: são dela as cartas escritas durante o exílio a ministros, chefes militares e cabeças coroadas, como o Czar Paulo I da Rússia, que, enquanto viveu, enviou para os reis errantes uma mesada significativa. Doente, desdentada e envelhecida, Maria Clotilde de Bourbon morreu em Nápoles, logo em seguida tendo início os boatos sobre sua santidade. O rei não esperou muito para renunciar em favor do irmão, Vitor Manuel I, que tinha filhos e, assim, assegurava a sucessão: retirou-se para um convento, empenhou-se na canonização da rainha e alheou-se de tudo o mais até 1819, quando deixou o mundo de vez ³⁵.

V. Carlota Joaquina de Bourbon

Cerca de três meses depois de perder o filho mais velho, Maria Luísa de Parma, princesa das Astúrias e futura rainha da Espanha, engravidava pela segunda vez e, em abril de 1775, trazia ao mundo a infanta Carlota Joaquina, desde então a primogênita de 13 irmãos, mais da metade desaparecidos na primeira infância, incluindo-se nesse rol sinistro os três rapazes que se seguiram a ela: Carlos Domingos, que chegou a completar 3 anos, e os gêmeos Carlos Francisco e Felipe Francisco, mortos com pouco mais de um ano. Desta forma, durante cerca de uma década, as crianças reais daquela corte foram meninas: com

³⁵ F. Cognasso, *I Savoia*, s/1, 1971; Gerbaix di Sonnaz, *Roma e Carlo Emanuele IV di Savoia nei negoziati austro-francesi del 1798*, Roma 1913; D. Carutti, *Storia della Corte di Savoia...*; N. Bianchi, *Storia della Monarchia Piemontese dal 1773 sino al 1861*, Roma-Torino-Firenze 1879, Volume Terzo.

intervalos de 2 anos, Maria Luísa e Maria Amália haviam nascido depois de Carlota, e o futuro Fernando VII veio ao mundo em 1784, pouco antes da irmã deixar Madrid para sempre. Isso talvez tenha pesado no caráter varonil que carregou por toda a vida, e que foi um dos principais responsáveis pelos juízos desqualificadores que se abateram sobre ela, ainda em vida e depois de morta. Sendo a mais velha da irmandade, sem infantes homens que desanuviassem as incertezas da sucessão, cogitou, talvez, que lhe coubesse um dia tomar as rédeas do reino e do império.

Conforme uma de suas biografias recentes, Carlota Joaquina cresceu na corte do avô, Carlos III, sofrendo o impacto de ambiente ao mesmo tempo ilustrado e católico³⁶. Tinha dez anos quando lhe acertaram o casamento com um dos infantes da família real portuguesa, João, na época já adolescente. William Beckford, aristocrata e homem de letras inglês que se encantou por Portugal e ali viveu algum tempo durante o reinado de Dona Maria I, deixou o retrato de uma mocinha viva, sempre rodeada de damas e açaфatas, afeita aos entretenimentos ao ar livre, a corridas e a danças sevilhanas, tal modo de vida parecendo um tanto oriental para o seu espírito de homem do norte. Enquanto isso, sempre segundo Beckford, o marido se confinava nos cômodos mais sombrios, entre tristonho e hesitante³⁷.

A rainha, Dona Maria I, afeiçoou-se à menina, levando-a consigo a compromissos públicos e a visitas. Referem as fontes que mostrava inteligência e cultura para a idade, gostando de ler e de pintar. Dos livros que lia, vários testemunhos dizem que eram sobretudo religiosos, mas o inventário de sua biblioteca, feito em 1831, revela a presença marcante das obras políticas. Da pintura, parece ter conservado o gosto ao longo da vida, e numa corte pouco acostumada a despender

³⁶ F. L. Nogueira de Azevedo, *Carlota Joaquina na Corte do Brasil*, Rio de Janeiro 2003; S. Marques Pereira, *D. Carlota Joaquina e os “espelhos de Clio”*, Lisboa 1999 (segunda ed., ligeiramente modificada: *Dona Carlota Joaquina, rainha de Portugal*, Lisboa 2008).

³⁷ Durante a primeira viagem a Portugal, ocorrida em 1787, Beckford avistou no teatro a Rainha Dona Maria e a infanta Carlota Joaquina, “travessa e brincalhona”. Cf. *Diário de William Beckford*, prefácio de João Gaspar Simões, Lisboa 1957, p. 267. Na segunda estada, em 1794, encontrou-a nos jardins do Palácio de Queluz, que eram tidos como domínio seu, sentada no chão, à oriental, em meio a suas açaфatas, ágil e vestida com roupas leves. Ver *Excursion à Alcobaça et Batalha*, ed. bilingüe comentada por André Parreaux com prefácio de Guy Chapman, Paris-Lisboa 1956, pp. 208-222.

com obras de arte, como a portuguesa, e onde as baixelas e porcelanas levavam a melhor sobre as telas enquanto objetos que distinguiam e conferiam *status*, a coleção pessoal da futura rainha discrepa. Reunidos entre 1794 e 1798 no Palácio do Ramalhão, comprado de Beckford e, naquela época, preferido por ela entre todas as outras moradas reais, os quadros de Carlota foram, segundo fortes evidências, adquiridos em Viena pelo embaixador português na corte dos Habsburgos, e tinham pertencido ao Príncipe de Ligne. Juntaram-se a outros, que devem ter vindo com ela de Espanha, integrando, conforme observou Ana Mafalda Távora de Magalhães Barros, o dote da então infanta: quadros de temas religiosos; *bodegones* atribuídos a Antonio Pereda y Salgado; uma pintura grande, atribuída a Luca Giordano; uma “Arrebatação de São Pedro de Alcântara diante da cruz”, de Domingos Antonio Sequeira, o único autor português presente na coleção. No geral, o estilo era mais antigo que moderno, predominando os autores dos séculos XVI e XVII. Como em outros aspectos, Carlota era passadista no gosto artístico³⁸.

O fato de residir no país do marido desde muito cedo fez de Carlota uma dama como outras da corte portuguesa, que estrangeiros, entre os quais o duque de Chatêlet, qualificaram de espalhafatosas e incultas, afeitas à profusão de jóias, quase sempre de qualidade –provavelmente as que vinham do Brasil e da Índia– mas demasiado coloridas e mal feitas. Ao contrário da sua contemporânea Maria Clotilde, a santa rainha da Sardenha, Carlota sempre amou as plumas, e no Brasil, onde a oferta da natureza era pródiga, abusou delas. Há uma gravura que a representa no fim da vida, já bem velha e mais feia do que nunca, com profusão de plumagens na cabeça, contrastando estranhamente com o rosto cansado, as roupas *demodées*, uma gola armada como se usava no tempo dos Filipes, espécie de monstro feito de muitas partes e marcado por épocas entrecruzadas, como observou Tania Morin em análise sensível e original³⁹. A mulher feia que foi Carlota Joaquina era assim desconcertante, espécie de *bricollage* humana: incorporou

³⁸ A.M. Távora de Magalhães Barros, “Consumos artísticos e formas de distinção social. A coleção da rainha Dona Carlota Joaquina. Da coleção privada ao museu público”, trabalho de aproveitamento para a cadeira teoria da História da Arte (Professor Doutor Vitor Serrão).

³⁹ T. Morin, “Os dois mundos de Carlota Joaquina”, trabalho de aproveitamento apresentado em julho de 2007. Para representações de Carlota Joaquina, já idosa, com toucado de penas, cf. F.L. Nogueira de Azevedo, *Carlota Joaquina na Corte do Brasil...*, caderno iconográfico, pp. 220-221.

hábitos da corte brigantina, anacrônica e provinciana, mas nunca deixou de permanecer espanhola até a raiz dos cabelos, e sendo amazona notável, escandalizava a todos por cavalgar sem silhão, expondo publicamente um traço a mais de seu espírito varonil

Em 1788, morreu o infante Dom José, o herdeiro do trono, e a sucessão recaiu sobre Dom João: Carlota Joaquina um dia seria rainha, e começou a mostrar extremo interesse por política. A vida com Dom João passou para a história como tendo sido tumultuadíssima, pontuada pelas infidelidades que fizeram correr boatos insistentes sobre a paternidade duvidosa de mais de um dos infantes, sobretudo de Dom Miguel. Em 1806, a rainha já demente havia quase quinze anos e Dom João levando a regência em meio às convulsões da época, a então Princesa do Brasil teve a imprudência –uma das tantas cometidas ao longo da vida– de se envolver numa “Conspiração de Fidalgos”⁴⁰. Se, por um lado, o episódio deve ter mesmo provocado uma fratura incontornável no convívio dos cônjuges, as cartas mostram, por outro, que um tom afetoso continuou vigorando entre eles⁴¹. Além disso, assim como hoje é consenso que o Príncipe Regente nunca foi o tolo devorador de franguinhos detratado por certa historiografia liberal, também não teria sido um compassivo marido traído: fortes evidências indicam que teve uma filha bastarda de uma dama da Rainha, filha do mesmo Conde de Cavaleiros que, em 1806, foi figura principal do presumido levante palaciano⁴². Em suma, a relação era tempestuosa e difícil por motivos referentes a atos pelos quais ambos poderiam ser responsabilizados. Já no final dos anos 90, príncipe e princesa moravam em palácios diferentes: depois do Ramalhão, e quando no Rio de Janeiro, para onde a Corte portuguesa fugiu em 1807, Carlota Joaquina elegeu Botafogo como local de residência, enquanto Dom João preferia a Quinta da Boa Vista⁴³.

⁴⁰ S. Marques Pereira, *D. Carlota Joaquina e os “espelhos de Clio*, cap. II: “Início da actuação política (1792–1806)”, principalmente pp. 61–68.

⁴¹ *Carlota Joaquina. Cartas inéditas*, estudo e organização de Francisca L. Nogueira de Azevedo, Rio de Janeiro 2007.

⁴² J. Pedreira e Fernando Dores Costa, *D. João VI, o Clemente*, Lisboa 2006, pp. 84–85; A. Pereira, *D. João VI príncipe e rei: a Bastarda*, Lisboa 1955.

⁴³ O. Lima, *Dom João VI no Brasil*, 4ª ed., Rio de Janeiro 2006; Francisca L. Nogueira de Azevedo, *Carlota Joaquina na Corte do Brasil...*, cap. V: “O cativeiro de Botafogo”, pp. 279–341.

Quando Carlos IV e, logo depois, Fernando VII abdicaram de seus direitos ao trono espanhol devido a uma das mais pérfidas manobras urdidas por Napoleão, Carlota Joaquina, já no Brasil, moveu montanhas para ser reconhecida como regente do trono dos Bourbons espanhóis. Agia em duas frentes: uma, na América, apoiada no almirante britânico Sidney Smith, que escoltara a família real na fuga para o Brasil, e ainda em líderes políticos platinos, como Elío e Belgrano; outra, na Europa, valendo-se da diplomacia de Palmela junto às Cortes de Cádiz. Chegou a doar suas jóias para a luta que, em troca, faria dela a imperatriz da América Espanhola, uma Nova Isabel –como disse um contemporâneo– desvencilhada da Lei Sálica que pesava sobre o trono da Espanha desde a ascensão de Filipe V. Mas mesmo se o empecilho legal caísse por terra, a política ibérica era território masculino, e até Dom Rodrigo de Sousa Coutinho, que apoiou as aspirações carlotistas por considerá-las interessantes à agressiva política externa de Dom João, acabou desertando da sua causa ⁴⁴.

Até morrer, Carlota Joaquina não se conformaria com o papel que esperavam dela, e tentou fazer política como se tivesse nascido homem.

VI. Conclusões

Estas considerações integram um trabalho mais amplo, que compara três das fugas reais ocorridas no rastro do terremoto napoleônico: a dos Savoias, que deixaram Turim para se refugiarem em Cagliari; a dos Bourbons Duas Sicílias, que foram, duas vezes, de Nápoles para Palermo; a dos Braganças, a mais longa e duradoura de todas, pois monarcas e Corte trocaram Lisboa pelo Rio de Janeiro, ali permanecendo por quase quinze anos e contribuindo de modo decisivo para que se lançassem as bases do estado nacional brasileiro. Ao longo da pesquisa, dei-me conta de que as três rainhas envolvidas eram visceralmente

⁴⁴ J. Presas, *Memórias secretas da princesa do Brasil: as quatro coroas de Carlota Joaquina*, nova ed. organizada por Bruno Feitler, no prelo; *Memoirs of Admiral Sir Sidney Smith, K.C.B. &c. by the author of "Rattlin the Reefer" in two volumes*, London 1839; Oliveira Lima, *D. João VI no Brasil*, cap. VI: "A Rainha Carlota", pp. 177-189; cap. VII: "As intrigas platinas", pp. 191-219; cap. VIII: "A regência espanhola", pp. 221-238; J.P. Garrido Pimenta, *O Brasil e a América Espanhola (1808-1822)*, Tese de Doutorado, Departamento de História FFLCH-USP, São Paulo 2003.

diferentes e, ao mesmo tempo, apresentavam muitos traços comuns, viabilizando, assim, também uma comparação de suas trajetórias particulares e dos modos que marcaram a construção de suas identidades.

Beatas –como Clotilde– ou devassas –como Carolina e Carlota–, elas foram mulheres inconformadas ante os limites que se colocavam ao exercício de seu poder político. Não que estivessem à frente de sua época, como quis mais de um autor, mas talvez por estarem atrás dela, sentindo-se atropeladas pelas mudanças radicais que impulsionavam a burguesia à supressão ou ao controle das antigas monarquias e transformavam as mulheres em deusas domésticas, destinadas aos bordados, às aulas de piano, à amamentação, seguindo a cartilha de Rousseau –como observou, ainda, Tânia Morin⁴⁵–. Mais que tudo, parecem ter sido mulheres a cavaleiro de duas épocas: por um lado, marcadas pela sociabilidade do Antigo Regime, que comportava a intriga tão típica do ambiente cortesão, e ofuscadas pelo brilho de duas notáveis governantes mulheres, Maria Teresa, na Áustria, e Catarina, na Rússia; por outro, oprimidas por aquilo que o espaço público, cada vez mais definido, considerava como legitimamente feminino, e que não cabia nem no figurino de religiosidade barroca, peculiar a Clotilde, nem nos temperamentos intempestivos, independentes e autoritários de Carolina e Carlota.

Nas suas cortes de adoção, procuraram abrir espaços, cada uma a sua maneira: Clotilde construiu a imagem da santidade e da renúncia de si, nora perfeita que cativou os sogros, esposa-enfermeira de um marido sempre doente; Carolina assumiu a da nórdica civilizadora, a cada frase invocando a mãe e a corte ilustrada de onde viera; como ela, Carlota conspirou com ingleses e defendeu interesses dinásticos, mas a circunstância fez com que vislumbresse a saída de edificar na América aquilo que ia se esboroando na Europa.

De todas, a mais eficaz parece ter sido a santinha. Clotilde governou de verdade, conforme indica a correspondência política existente no *Archivio di Stato* de Turim –ou, pelo menos, governou como era possível para reis acossados e, em seguida, destronados no contexto de expansão da *Grande Nation* revolucionária⁴⁶–. As outras duas não conseguiram escapar dos epítetos com que se

⁴⁵ T. Morin, “Os dois mundos de Carlota Joaquina...”.

⁴⁶ “Venti lettere della Regina Maria Clotilde al marchese di San Marzano”, in N. Bianchi, *Storia della Monarchia Piemontese...*, III, pp. 655-680.

desqualificavam monarcas retrógrados na Europa de então, e que haviam, pouco antes, convergido com violência nunca vista para a triste figura de Maria Antonieta⁴⁷. Além do mais, a força da ortodoxia religiosa era análoga à da ideologia revolucionária, uma e outra, de forma homóloga, beirando o fanatismo⁴⁸.

Para três rainhas fortes, três reis fracos, que, antes de fugirem para fora de suas capitais, teriam fugido para dentro, deixando suas funções governativas a descoberto. Carlos Manuel IV ocultou-se por detrás dos ataques epileptóides, Fernando I refugiava-se na pesca e nas reservas de caça, Dom João alheava-se em Mafra, devorava guloseimas, gostando ainda de ficar recolhido na fazenda Santa Cruz, no interior do Rio de Janeiro, e relutando, até o último instante, em voltar para Liboa. Mas isso já é matéria para outra comparação.

⁴⁷ L. Hunt, “A pornografia e a revolução francesa”, in Lynn Hunt (org.), *A invenção da pornografia. Obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800*, trad. brasileira, Rio de Janeiro 1999, pp. 329-370.

⁴⁸ Alexis de Tocqueville chamou a atenção para certo caráter religioso da revolução francesa, Paris 1988, Livre Premier, caps. II e III, pp. 101-109.